

LITERATURA E MEMÓRIA EM LUANDINO VIEIRA E MIA COUTO

Fernanda Maria Diniz da Silva*

Recebido em 10/06/2018; aceito em 09/10/2018.

Resumo: Este trabalho analisa os textos “Estória do ladrão e do papagaio”, de José Luandino Vieira, e “O apocalipse privado do tio Geguê”, de Mia Couto, a partir do estudo das representações da memória, entendendo memória como registro do vivido, preservação de imagens e reconstrução da experiência humana. Assim, é de nosso interesse verificar como a memória é trabalhada nas obras dos dois escritores. Para orientação da nossa análise, adotamos o método comparativo e, como fundamentação teórica, as contribuições de Jacques Le Goff, Boaventura de Sousa Santos e Vima Lia Martin.

Palavras-Chave: Representação da memória; *Luuanda*; *Cada homem é uma raça*.

Introdução

Este trabalho analisa os textos “Estória do ladrão e do papagaio”, de José Luandino Vieira, e “O apocalipse privado do tio Geguê”, de Mia Couto, a partir do estudo das representações da memória. Entende-se a memória como registro do vivido, preservação de imagens e reconstrução da experiência humana.

Segundo Jacques Le Goff, no livro *História e Memória* (2003), o conceito de memória se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Além da memória individual, o estudioso francês aborda o conceito de memória coletiva, que é composta pelas lembranças que foram vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertence exclusivamente, uma vez que são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo. Assim, é de nosso interesse verificar como a memória é trabalhada nas obras de Luandino Vieira e Mia Couto.

Para orientação da nossa análise, o método de procedimento utilizado será o comparativo. Sendo assim, buscaremos subsídios no corpus teórico da literatura comparada, ciência que propicia a visão de interdisciplinaridade necessária à abordagem do texto literário e das confluências

* Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Doutora em Letras pela UFC. Professora da rede estadual de Ensino do Ceará. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos de Residualidade Literária e Cultural (GERLIC – CNPq). É organizadora das publicações periódicas do Grupo Ceará em Letras.

históricas, sociais e culturais aí implicadas, considerando, sobretudo, os estudos desenvolvidos por Tânia Carvalhal (2006). O trabalho terá ainda como fundamentação teórica as contribuições de estudiosos como Boaventura de Sousa Santos (2003) e Vima Lia Martin (2008).

Representações da memória em Luandino Vieira e Mia Couto

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. (LE GOFF, 2003, p. 471.)

Tânia Carvalhal, no texto “Encontros na travessia”, ressalta que a “literatura comparada se interessa, sobretudo por relações, pela literatura e pela cultura em suas relações, pela literatura e cultura como lugares de relação” (CARVALHAL, 2006, p. 71). Nessa perspectiva comparativa, vejamos como se dá a representação da memória na obra de Luandino Vieira e Mia Couto.

José Luandino Vieira, pseudônimo literário de José Vieira Mateus da Graça, nasceu na Vila Nova de Ourém, Angola, em 4 de maio de 1935. Durante a Guerra Colonial, colaborou com a criação da República Popular de Angola. Detido pela PIDE, pela primeira vez em 1959, foi um dos acusados do Processo dos 50, acabando condenado a catorze anos de prisão, em 1961. Grande parte da produção literária de Luandino se dá no cárcere. (LARANJEIRA, 1995, p. 120-121). Entre suas principais produções, podemos destacar *Luuanda*, obra publicada em 1964, composta por três estórias: "Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos", "Estória do ladrão e do papagaio" e "Estória da galinha e do ovo". Trata-se de uma obra que valoriza a linguagem e a cultura do povo angolano.

O livro retrata, em suas três estórias, a vida nos musseques angolanos - bairros pobres de Luanda em que o autor viveu. Nesses textos, o recurso da oralidade recria a linguagem e a vida real a partir do enfoque no cotidiano e na aproximação cultural e linguística do leitor com as personagens.

A estória “Estória do Ladrão e do Papagaio”, aparentemente simples e de tom anedótico, apresenta uma rica estrutura no que se refere à linguagem e ao discurso. O texto aborda o encontro de três africanos na prisão: Xico Futa, Lomelino dos Reis e Garrido Fernandes, bem como o estabelecimento do sentimento de solidariedade entre eles.

Resumidamente, a história apresenta o seguinte enredo: Lomelino dos Reis, nascido em Caboverde, “vivia com a mulher e dois filhos no musseque Sambizanga” (VIERA, 1977, p. 63). Ele é preso por roubar patos. Inicialmente, Dosreis atribui o delito a Garrido Fernandes, jovem “aleijado

de paralisia” e de olhos azuis, que representa a miscigenação racial entre europeus e africanos. O cabo-verdiano, no entanto, se arrepende por ter denunciado injustamente o amigo à polícia. Garrido, por sua vez, impulsionado pelo desejo de vingança, decide roubar o papagaio de Inácia, seu grande amor. Garrido acaba sendo preso e tem de encarar o amigo que o havia traído. Na ocasião, o jovem se revolta, mas é acalmado por Xico Futa, personagem de grande relevância na narrativa, que tinha domínio sobre todos, inclusive sobre a autoridade, representante dos portugueses, dominadores e opressores. O encontro entre os dois é marcado por um misto de vergonha e de arrependimento por parte de Lomelino, mas, ao mesmo tempo, pelo carinho que Garrido ainda cultivava pelo amigo.

De acordo com Vima Lia Martin, em *Literatura e marginalidade* (2008), o texto se divide em seis partes. A primeira parte se inicia com a chegada de Dosreis à prisão e se estende até quando ele é chamado para fora da cela. Essa parte se estrutura principalmente a partir dos diálogos estabelecidos entre Zuzé, Dosreis e Xico Futa.

A segunda parte, por sua vez, é essencialmente polifônica. É constituída por dois momentos distintos: inicia com uma fala proferida por Xico Futa e termina com a narração do encontro entre Garrido Fernandes e Inácia, a moça por quem ele é apaixonado. O encontro impulsionará Garrido a roubar o papagaio Jacó, que pertencia à moça. Vale ressaltar que Inácia é a negra assimilada que, não raramente, se sente superior aos demais. De acordo com Boaventura de Sousa Santos, o assimilado pode ser compreendido como “o protótipo de uma identidade bloqueada, construída sobre uma dupla desidentificação: quanto às raízes africanas, às quais deixa de ter acesso direto, e quanto às opções de vida européia, a que só se tem um acesso muito restrito” (SANTOS, 2003, p. 45). É também nesta parte onde encontramos a “parábola do cajueiro”, que traz a lição ensinada por Futa: é preciso conhecer a raiz ou a origem daquilo que motiva as pessoas e as atitudes.

A terceira parte narra o encontro da pequena quadrilha de capianguistas - Lomelino Dosreis, Garrido Fernandes e João Miguel Via-Rápida - para combinar o roubo dos patos.

Já a quarta parte da narrativa segue os pensamentos e ações de Garrido. Sentindo-se confuso e magoado, Garrido pensa sobre as palavras que Via-Rápida havia dito sobre sua vontade de casar com Inácia. De acordo com o típico malandro, o casamento tinha pontos positivos e negativos, e afirma que “a vida é muito complicada” (VIEIRA, 1977, p. 127).

Na quinta parte, é narrada a prisão de Garrido pela polícia, sua chegada à cadeia e o encontro com Dosreis, mediado por Chico Futa.

Na sexta e última parte, o contador de histórias domina a cena completamente: “Minha estória. Se é bonita, se é feia, os que sabem ler é que dizem” (VIEIRA, 1977, p. 147). No fechamento da narrativa, os personagens – Dosreis, Garrido, Inácia, Zuzé, Via-Rápida e Jacó – são apresentados a partir de uma perspectiva extremamente humanizada que leva em consideração as esferas social e psicológica de suas existências.

É possível perceber que, já no início da narrativa, é apresentado um personagem caboverdiano, caracterizado como um qualquer, alguém sem valor social: “Um tal Lomelino dos Reis, Dosreis para os amigos e ex-Lóló para as pequenas” (VIEIRA, 1977, p. 63). Além disso, o espaço onde se dá a narrativa é caracterizado pela sujeira e pela desorganização: “As pessoas que estão a morar lá dizem é o Sambizanga; a polícia que anda patrulhar lá, quer já é Lixeira mesmo” (VIEIRA, 1977, p. 63).

O registro da memória na obra pode ser observado, por exemplo, na abordagem da exploração do colonizado pelo colonizador que pode ser percebida no fato de os homens brancos engravidarem as mulheres negras e não assumirem as responsabilidades. Assim, Luandino Vieira denuncia em seu livro a opressão sofrida pelos negros e traz importantes reflexões acerca da situação colonial.

Vale destacar ainda a presença da linguagem poética, sobretudo no que se refere à construção de metáforas e de parábolas, recorrentes nas falas de Xico Futa, que comumente conduz os demais personagens à reflexão acerca do seu contexto histórico-social. É possível notar que Xico se relaciona à figura do *griot*. Sobre essa figura, é importante destacar que o estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral *griots* da África Ocidental. Os *griots* são especialistas responsáveis pela memória coletiva de suas tribos e comunidades. Eles conhecem as crônicas de seu passado e são respeitados pela comunidade. Assim, segundo Vima Lia Martin, “A memória coletiva de uma sociedade ancorada na tradição oral se perpetua através de relatos que reconstituem acontecimentos ou narrativas e atualizam-se no presente.” (MARTIN, 2008, p. 202). Destarte, a oralidade, enquanto traço importante para o resgate da memória, não se configura apenas como uma forma de comunicação, mas como meio de conservação da sabedoria dos ancestrais, revelando mais uma “atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade.” (VANSINA, *apud* MARTIN, 1982, p. 157).

Ao focalizar a importância do *griot* para a construção da narrativa, observamos que Xico representa a escrita comprometida de Luandino com o resgate da memória e com os anseios coletivos, o que reforça o desejo de se manter firme diante das adversidades da vida e de se libertar de qualquer amarra que lhe possa ser imposta. A memória aqui representada pela tradição oral visa também o resgate de valores éticos que repercutem no meio coletivo, por meio de normas e comportamentos exigidos pela sociedade em que se inserem.

Na narrativa, a metáfora do Cajueiro representa a própria memória, que guarda a origem de tudo e por isso mesmo não pode ser destruída. A passagem se mostra como um conselho àqueles que podem contribuir com a construção de um futuro melhor para Angola. Observa-se que o desinteresse e a apatia diante do cajueiro e da sua própria realidade em nada ajudam nesse processo. A violência também não é capaz de aniquilar o princípio do pau de cajus, pois ao atear fogo, o que se vê é “tudo fugir para o ar feito muitos fumos, preto, cinzento-escuro, cinzento-rola, cinzento-sujo, branco, cor de marfim” (VIEIRA, 1977, p. 84). Além disso, é possível perceber que as nuances da fumaça gerada pela queima das raízes da árvore podem ser relacionadas às diferentes tonalidades de cores da pele. Sobre essa metáfora, vejamos o que nos explica Martin (2008, p. 2014):

Faz-se, aqui, uma apologia da organização da luta contra o poder colonial pautada na identidade e na união de todo angolano que, independentemente da origem étnica, reivindique liberdade para seu país. A utopia da configuração de uma sociedade plurirracional e sem preconceitos, conformada fundamentalmente por afinidades ideológicas, nos moldes propugnados pelo MPLA, é atestada por Xico Futa.

Outra imagem relevante que se apreende a partir da parábola é a que se refere ao conselho destinado aos angolanos que devem não só olhar para o passado e para o futuro, mas, principalmente, viver o presente de maneira coerente com a sua realidade histórica e social. Nesse sentido, a memória resgata a opressão colonial e impulsiona o povo a refletir sobre a condição colonialista e suas causas, bem como sobre a necessidade de buscar iniciativas assertivas que viabilizem o alcance da tão esperada libertação nacional. Desse modo, pelo que foi brevemente aqui exposto, é possível observar que Luandino Vieira utiliza a arte literária como instrumento de libertação e de fortalecimento da identidade angolana, trazendo à tona também a necessidade de fortalecer laços identitários entre todos os povos que sofreram com o processo de colonização.

Já Mia Couto, cuja obra também demonstra um trabalho apurado com a memória, é biólogo e escritor moçambicano. Foi nomeado diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM) e

formou ligações de correspondentes entre as províncias moçambicanas durante o tempo da guerra de libertação.

Em 1990, Mia Couto publica *Cada homem é uma raça*, livro composto por onze contos. Entre eles está “O apocalipse privado do tio Geguê”, que tem como tema a representação de elementos da história de Moçambique no universo ficcional do conto.

O conflito da história já se inicia, focalizando a representação da memória, quando o tio Geguê traz para casa uma bota, símbolo que remete aos tempos de luta a favor da independência. Ele presenteia o sobrinho que logo depois a joga fora: “Um dia me trouxe uma bota de tropa. Grande, de tamanho sobrado. Olhei aquele calçado solteiro, demorei o pé” (COUTO, 2013, p. 30). Mais adiante: “Pegou na bota e atirou para longe. O estranho então sucedeu: lançada no ar a bota ganhou competência volátil” (COUTO, 2013, p. 31). Assim, nota-se que a bota que outrora simbolizava a luta por dias melhores passou a ser desprezada pelo jovem, o que, de certa forma, revela a apatia que reinava na sociedade da época diante de um contexto político e econômico extremamente frágil.

No decorrer da narrativa, o tio se torna vigilante do local onde viviam. Essa figura, que inspira desconfiança e até mesmo riso, vai passar a agir de maneira oportunista e fria para alcançar vantagens, usando para isso o seu sobrinho: “Eu devia espalhar confusões, divulgar medos. Geguê se implementava, acrescido de farda, promovido de poderes” (COUTO, 2013, p. 39).

Outro ponto de conflito na narrativa é a chegada da bela sobrinha chamada Zabelani. O tio proíbe que o sobrinho se aproxime dela. No entanto, o casal se apaixona e passa a se encontrar. Ao descobrir a desobediência dele, o tio leva a menina embora.

O sobrinho começa então a se dedicar às atividades ilícitas por ordens do tio vigilante, pois sabia que obedecendo às ordens dele, estaria, de alguma forma, garantindo a segurança de Zabelani. É assim que o menino se transforma, juntamente com o tio, em responsável pela desordem e pelo caos: “Aos poucos, por obra minha e do Geguê, nascera uma guerra” (COUTO, 2013, p. 41). Tal passagem lembra o caos que Moçambique enfrentava com a guerra civil, pois, como se sabe, a independência política não foi sinônimo de libertação e de paz.

Durante um mal-entendido, o tio revela onde está Zabelani. O rapaz vai a um encontro que não acontece e descobre que seu tio é o responsável pelo sumiço dela. A narrativa se encerra quando o jovem retorna a casa e atira no tio, conforme se percebe no trecho a seguir:

O tiro me ensurdeceu. Não ouvi, não vi. Se acertei, lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido. Porque, no momento, meus olhos se encheram de muitas águas, todas que me faltaram em anteriores tristezas. E fugi, correndo dali para nunca mais. (COUTO, 2013, p. 46).

Vale salientar que a palavra “apocalipse”, presente no título do conto, nos remete ao fim do mundo. Era exatamente esse sentimento de destruição e finitude que assolava Moçambique pós-independência. Depois de ter lutado contra o colonizador, a população precisou lutar internamente numa guerra civil que aos poucos aniquilava o país.

Como foi dito anteriormente, um importante símbolo que aparece no conto é a bota, objeto de valor nos tempos de conquista da independência, que chega a ser comparada à pátria amada: “A botifarra estava garantida pela história: tinha percorrido os gloriosos tempos da luta pela independência” (COUTO, 2013, p. 30). No entanto, quando a bota é atirada para longe, é como se o seu valor histórico passasse a ser ignorado.

Desse modo, é possível notar que a luta armada enfrentada por Moçambique está retratada claramente no final do conto, mediante a descrição do caos que reinava em todos os lugares. Contudo, com a morte do tio, uma nova chama de esperança surge, pois, sem querer saber o verdadeiro destino do tio, o sobrinho representa agora o povo que busca a renovação e a construção de uma nova história para Moçambique. É o que se nota na seguinte passagem:

Agora penso: nem me merece a pena saber do destino daquela bala. Porque foi dentro de mim que aconteceu: eu voltava a nascer de mim, revalidava minha antiga orfandade. Ao fim, eu disparava contra todo aquele tempo, matando esse ventre onde, em nós, renascem as falecidas sombras deste velho mundo. (COUTO, 2013, p. 46).

É assim que se observa no conto a realidade de Moçambique independente. Depois de tanto tempo sob o jugo da colonização, a população, dita livre, se viu desorganizada e desestruturada, o que acarretou muitos problemas internos, como uma guerra civil e intensa criminalidade. Nesse contexto, não é de se estranhar a presença de um sentimento de desilusão diante de uma realidade que não corresponde em nada àquela sonhada nos anos de luta por ideais de igualdade: “Tão cedo havia, tão cedo ardia. Entre os mais velhos já se espalhara saudade do antigamente” (COUTO, 2013,

p. 41). Mais adiante: “Foi para isto que lutámos?” (COUTO, 2013, p. 41). Assim, para a maioria da população, a independência não trouxe as mudanças positivas imediatas que eram almejadas.

Considerações finais

Luandino Vieira publicou *Luuanda* em 1964, onze anos antes de Angola alcançar a independência em relação ao domínio português, ou seja, em plena guerra de libertação. Esse período é historicamente marcado por embates armados contra Portugal em nome da sonhada liberdade. Assim, Luandino escreve em um período em que as forças da nação lutam pela libertação do país da colonização. Desse modo, em “Estórias do ladrão e do papagaio”, o autor desperta o leitor para uma consciência nacional a partir da reflexão sobre o estabelecimento de laços de solidariedade entre três personagens que na verdade simbolizam a necessidade de fortalecimento da identidade dos povos que sofreram com a submissão e a opressão do colonizador. Ademais, ao resgatar a figura do *griot* como importante agente de reconstrução da memória coletiva, Luandino não só valoriza a tradição de seus ancestrais, como também incentiva o resgate e o cultivo de valores éticos fundamentais ao convívio em sociedade e às lutas de libertação.

Mia Couto, por sua vez, publica *Cada homem é uma raça*, em 1990, quinze anos depois que Moçambique tornou-se independente do domínio português. Todavia, é importante salientar que, após dois anos de independência, o país mergulhou em uma intensa guerra civil que durou de 1977 a 1992. Na obra de Mia Couto, a memória se torna viva por meio da valorização das lutas que naquele momento pareciam já esquecidas. Assim, Mia Couto escreve após a declaração de independência de Moçambique, mas em plena crise interna.

Ao final do texto de Mia Couto, o jovem rapaz vai embora e deixa para trás todo aquele contexto de exploração que vivera, o que demonstra a necessidade de recusa àquela situação. Ao chorar, suas lágrimas proporcionam o seu renascimento de forma mais justa e livre, o que também se espera do próprio país.

É importante reforçar que para Tânia Carvalhal, a Literatura Comparada supera a “busca de semelhanças e diferenças para formular indagações que mobilizam amplamente o literário e o cultural”. (CARVALHAL, 2006, p. 78). Desse modo, pretendemos com este refletir sobre questões da própria sociedade por meio do estudo da memória, numa perspectiva interdisciplinar que proporciona relações da literatura com a História, a Sociologia e a Filosofia, por exemplo.

Afinal, conforme Le Goff (2003, p. 471), “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Dessa maneira, percebemos que, por meio da arte literária, tanto Luandino Vieira como Mia Couto, embora em contextos espaciais e temporais diferentes, souberam resgatar a memória para construção da história, compreensão do presente e organização do futuro.

Referências

CARVALHAL, Tânia Franco. Encontros na travessia. In: *Revista Literatura e Sociedade*. Nº 09. São Paulo: USP/FFLCH, 2006, p. 70-81.

COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MARTIN, Vima Lia. *Literatura e Marginalidade: um estudo sobre João Antônio e Luandino Vieira*. São Paulo: Alameda, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. In: *Revista Novos Estudos*, nº 66. São Paulo: CEBRAP, 2003.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*. 6ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

LITERATURE AND MEMORY IN LUANDINO VIEIRA AND MIA COUTO

Abstract: This article analyzes the texts “Estória do ladrão e do papagaio”, by José Luandino Vieira and “O apocalipse privado do tio Geguê”, by Mia Couto, from the study of the representations of memory, conceptualizing memory as register of lived events, preservation of images and reconstruction of human experience. This way, our interest intends to verify how the memory is worked in both writers’ works. In order to guide our analysis, we adopted the comparative method and as theoretical basis the contributions of Jacques Le Goff, Boaventura de Sousa Santos and Vima Lia Martin.

Keywords: Memory representation; *Luuanda*; *Cada homem é uma raça*.